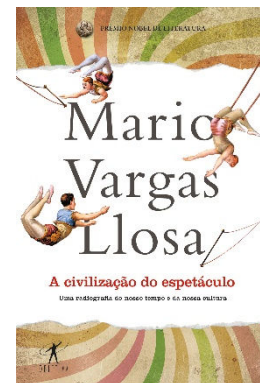


RESENHA:

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, 208p.

O esvaziamento da cultura

ANDRESSA PAULA DE ANDRADE*



Introdução

O autor abre sua obra colocando sobre a mesa uma fotografia da cultura atual. Apropria-se das ideias de T.S. Eliot em que o mesmo delimita a cultura como sendo estruturada em três instâncias: indivíduo, grupo e elite. Para este autor, a cultura pertence a uma minoria e assim deve ser para que se mantenha de qualidade.

Mais adiante revela o trabalho de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, na obra *A cultura-mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*, em que se analisa que este momento de estreitamento de fronteiras, a cultura passou a ser um artigo de consumo das massas sem qualquer necessidade de formação alguma, sem referentes culturais e eruditos. A cultura-mundo seria responsável por imbecilizar o homem. Neste sentido, ele cita que o fato de grandes multidões visitarem museus e monumentos históricos não significa que estes possuam um interesse pela “alta cultura”, mas mero esnobismo, visto que tais visitas se converteram em obrigações turísticas.

Outrossim, assinala que uma diferença substancial entre a cultura pretérita e atual é que aquela visava transcender, enquanto a atual possui um único fim: entreter e divertir. Para a presente cultura, o sucesso comercial é essencial.

I. A civilização do espetáculo

Inicialmente, pretende o autor conceituar o que seria a Civilização do Espectáculo. Para tanto, assinala que o entretenimento e a diversão são uma paixão universal. Soma-se a isso de a quantidade está tomando o posto de qualidade, propiciando o desaparecimento da alta cultura e massificação da própria ideia de cultura. Ainda, assinala de que a crítica que no passado assumia um papel extremamente relevante, agora se encontra em extinção, salvo se esta também se converter em espetáculo.

Vale ressaltar que o autor alega que a publicidade exerce um papel importante nesta sociedade, influenciando gostos, sensibilização e costumes. Anteriormente tal papel ficava a cargo de correntes filosóficas e hoje é tomada pelos diretores de criação das agências publicitárias.

Alerta, também, que o laicismo apenas ganhou espaço sobre as religiões de forma aparente, pois, há uma enorme proliferação de seitas, cultos e formas alternativas de práticas religiosas.

Da mesma maneira, declara que o intelectual – a figura pitoresca – tem desaparecido, pois, só farão sucesso aqueles que se renderem aos espetáculos e polêmicas, características da hodierna sociedade.

Por fim, erige-se como aspecto importante a afirmação de que há a

perda de referenciais para diferenciar o que seria e o que não seria a arte. O único critério utilizado não possui nada de artístico, mas é imposto por um mercado controlado pelas galerias de arte.

II. Breve discurso sobre a cultura

Neste capítulo o autor passa a analisar que a ideia de cultura que anteriormente apesar de controvertida, poderia ser ao menos apreendida, agora está inflada a ponto de não ser possível distinguir explicitamente o que de fato é.

Há o resgate de que progresso científico e tecnológico não se confunde com expansão cultural, mas sim o aumento de especialistas. Logo, conhecimento não pode ser interpretado como um tronco cultural, visto que nem sempre ciência e cultura se fundem. Ao contrário da ciência que progride, as letras e as artes se renovam, mas não progridem, resultando que especialização e progresso, inseparáveis do conhecimento científico, é inválida para as artes.

III. É proibido proibir

Aqui o autor partindo de uma análise do papel de Michel Foucault na revolução de 68 na França e toda a sua filosofia de que em todos os discursos haveria uma forma de dominação acabou por desaguar em sofismas e artifícios intelectuais. Ademais, a filosofia *foucaultiana* visava, ao menos, contestar a “autoridade”.

Partindo do posicionamento de Alan Sokal e Jean Bricmont, em seus *Imposturas Intelectuais*, critica alguns pensadores que se utilizavam do domínio da linguagem para ocultar a mesquinhez de seu pensamento a exemplo de Jacques Lacan, Paul Virilio, etc. Ressalta que a literatura abarca toda a experiência humana, pois impinge na vida humana uma modulação inevitável.

Entretanto, crer que a literatura possui como única função o incremento da retórica, estar-se-á entregando ao desatino conceitual.

IV. O desaparecimento do erotismo

Neste bloco, o autor ressalta que a euforia para com o espetáculo também invadiu o campo do erotismo. Neste sentido, o autor ressalta que em que pese as revoluções sexuais, a emancipação feminina e o tratamento do sexo como uma extensão humana, houve uma desumanização da atividade sexual.

Assim, crê que a exposição explícita em praça pública do sexo não é uma evolução, mas ao contrário, uma regressão a tempos primitivos em que viam na atividade sexual um único fim: acasalar e procriar.

Prossegue discorrendo que a quebra de preconceitos que é inegavelmente libertador não poderá convergir para a perda de protocolos e rituais, algo essencialmente humano na atividade sexual.

Ressalta ainda que o erotismo sempre assumiu uma fonte artística enorme, mas parece estar com os dias contados pela desnudação e empobrecimento humano da matéria sexual. Como tudo na Civilização do Espetáculo, o sexo também passou a ser um produto a ser consumido e descartado.

V. Cultura, política e poder

Mario Vargas Llosa abre este capítulo discutindo que política e cultura não dependem uma da outra e o perigo de uma possível dependência é que a cultura poderia acabar se transformando em propaganda como ocorreu em regimes ditatoriais. Já na sociedade aberta, há um intercâmbio entre cultura e política.

Outrossim, informa que na sociedade atual a política se encontra em franco desprestígio. Houve uma queda acentuada no nível intelectual dos políticos em todo e qualquer canto do mundo. No mesmo diapasão, as democracias se encontram desgastadas e sua consequência inevitável é o desinteresse populacional por essa atividade.

Como fator preponderante para a banalização política, o autor ressalta o papel que a mídia sensacionalista ocupa ao transformar os fatos sociais em espetáculo, não respeitam o âmbito privado profissional, pois o festejo ao medíocre é um entretenimento ao entediado. Como fato antecessor, o autor exemplifica que as fronteiras entre público e privado foram rompidas e a exibição irrestrita tornou-se a regra.

VI. O ópio do povo

No último capítulo há a análise do papel da religião na civilização do espetáculo. Contrariando prognósticos, o avanço científico e o esclarecimento de questões que outrora eram mistérios, o homem não renegou o papel da religião. Ao contrário, apenas algumas minorias se emanciparam da necessidade religiosa.

A título de exemplo, ele cita o caso do *islamismo*, religião fundamentalista que vem se expandindo e transforma o Estado em seu instrumento. Logo, não foi o laicismo que se expandiu, mas a religião e as seitas.

Declara que o fato de a religião existir e estar se recrudescendo não comprova a

existência de Deus, mas denuncia que muitos técnicos e cientistas de destaque não renunciaram sua divindade que garante uma vida depois da morte. No mesmo sentido, a presença da religião não garante que haja um freio a violência e ao mal nas relações humanas.

Por derradeiro, compreende-se que a reflexão mais interessante deste capítulo está na ideia de que o laicismo é uma característica essencial de uma sociedade tenha como princípio a liberdade. Isso garante a proteção da pluralidade religiosa e sua alocação na esfera privada.

Conclusão

Em suas conclusões o autor resgata todos os seus argumentos e negrita a ideia de que democratização, crescimento de vendas dos livros, progresso científico e tecnológico não estão umbilicalmente ligados ao avanço cultural.

Se a cultura no passado funcionava como um canal que denunciava problemas, enunciava o futuro e modifica as estruturas, agora ela passa a salvar as pessoas do tédio, divertindo-as e as levando a um paraíso artificial.

Na sociedade do espetáculo, a cultura profunda, reflexiva e aquela que interpolava o tempo já não possui espaço, salvo a pequenos sobreviventes. Nesta civilização, a finalidade da cultura é apenas divertir e não modificar as estruturas.



* **ANDRESSA PAULA DE ANDRADE** é Advogada. Pós-graduanda em Ciências Penais pela Universidade Estadual de Maringá. Membro do Núcleo de Estudos Penais (NEP/UEM). Membro do Núcleo de Estudos em Direito e Ambiente.